



Na vida, a forma narrativa empresta
à História um dado ficcional. Na arte, os fatos históricos
garantem ao relato um estatuto de verdade.
A rigor, mundo e literatura são velhos conhecidos.
Para os estudiosos, o problema tem sido a demarcação de fronteiras.
Aristóteles, autoridade antiga, avisa: o discurso ordinário
(ou político) distingue-se da construção poética
uma vez que ambos possuem usos e finalidades diversos.
No século XX, caminhando no limiar entre a ruptura e o desdobramento
dos ditames da tradição, a teoria busca um rigor de caráter científico.
A especificidade do literário ressurgiu em forma de signo.
Na esteira de Roland Barthes, é então
possível definir a obra como o significante de um significado.
Ao largo das abstrações teóricas,
a produção literária insiste em confundir-se com a história do mundo.
Assim, na antiguidade, a tragédia e a epopeia repunham,
de certa forma, justificativas históricas que serviam como agregadoras
da vida corrente, e, nos tempos modernos,
a matéria da prosa, em grande parte, encontra no caráter veraz
o procedimento preferido de representação da sociedade.
Presentemente, na ocasião em que
a narrativa ocidental parece engajar-se no grande processo
de releitura de feitos históricos,
procurando realçar-lhes ângulos inusitados e verdades perdidas,
torna-se oportuna uma reflexão sobre tais procedimentos.
Caudatários dessa repercussão, os pareceres multiplicam-se em tópicos
como a evolução do conceito de História,
a valorização social da leitura, a rediscussão da identidade nacional,
a redescoberta de autores marginalizados, a ficcionalização
de eventos históricos. Tais temas,
que se encontram desenvolvidos na presente publicação,
servem para mostrar que a literatura não apenas registra e ficcionaliza
os fatos da vida dos povos.
Ela também, na plenitude de suas potencialidades,
faz a História.